



III EREPEG

Retrospectivas e Perspectivas Curriculares para
o Ensino de Geografia
Campina Grande – novembro/2016

“ÁFRICA OS ENCANTOS DO CONTINENTE”: DESCONSTRUÍDO ESTEREÓTIPOS

Diogo Soares Nunes

*Universidade Federal de Campina Grande
diogo-bass@hotmail.com*

Epídio Araújo de Sousa

*Universidade Federal de Campina Grande
epidioaraujo@gmail.com*

Luíz Eugênio Pereira Carvalho

*Universidade Federal de Campina Grande
luizeugeniocarvalho@gmail.com*

Resumo: O presente artigo irá mostrar um projeto desenvolvido na Escola Estadual de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, sobre o continente africano e seus estereótipos, com o objetivo de construir conhecimentos sobre a diversidade cultural, e que os discentes reconheçam a cultura e os costumes trazidos da África incorporados à cultura brasileira, e que os discentes desconstruam visões preconceituosas sobre este continente, além promover reflexões sobre a cultura afro-brasileira para gerar debates e discussões sobre o tema em sala de aula e que os mesmos possam relacionar com os conceitos geográficos. O projeto se divide em 4 etapas, com diferentes metodologias, com aulas expositivas, peça de teatro, debates, estudo de campo e finalizando com socialização do projeto.

Palavres chaves: *África; conhecimento; cultura; formação docente;*

INTRODUÇÃO

Estudantes e livros didáticos muitas vezes trazem visões estereotipadas sobre as características geográficas que estão presentes nos países e dos povos africanos, dentre umas destas destaca-se as diversidades culturais dos mesmos, que tem grande relevância e se expressa no espaço e na história. Um desafio para os professores da educação básica é criar ações que apresentem aos alunos novos elementos para as reflexões sobre o tema.

O projeto a seguir foi desenvolvido em resultado à falta de estudos da cultura africana principalmente na disciplina de Geografia, bem como das visões distorcidas e a mau interpretação dessas expressões culturais, que influencia na formação cultural nas escolas brasileira, tal fato, faz com que possamos fazer uma reflexão da forma como são tratadas as tradições não europeias e não cristãs no Brasil, ou seja, abordar as tradições dos povos africanos no Brasil, como as artes, as religiões, as músicas, entre outros

traços, já que o mesmo era visto como exotismo ou folclore e não como uma tradição de um povo.

A intenção do projeto é contribuir de forma significativa para uma ação crítica por parte dos educandos, cooperando para formação de cidadãos bem conscientes sobre a diversidade cultural, assim sendo, romper com o discurso hegemônico de poder, superar as diversas formas de desigualdade instauradas na escola, avançar no combate ao racismo e promover a inclusão, já que de acordo com a Lei 10.639/2003 indica a inclusão de conteúdos da história e da cultura afro-brasileira nas disciplinas de Geografia, História, Língua Portuguesa, Artes e Religião na escola.

Podemos destacar que ainda no século XXI, existem visões negativas do continente africano como um continente atrasado e pobre; visões estas deixadas pela história e que é repassada para os alunos, como por exemplo, as migrações dos negros para o Brasil, o tráfico negreiro e as formas de resistências dos mesmos.

O presente trabalho tem como objetivo fazer com que os alunos possam construir conhecimentos sobre a diversidade cultural, que os discentes reconheçam a cultura e os costumes trazidos da África incorporados à cultura brasileira, que os discentes desconstruam visões preconceituosas sobre este continente, promover reflexões sobre a cultura afro-brasileira para gerar debates e discussões sobre o tema em sala de aula e que os mesmos possam relacionar com os conceitos geográficos, território, região, lugar e paisagem, pois estas diversidades culturais ocupam e se expressa no espaço geográfico, tendo em vista contribuir para melhorar os resultados das avaliações internas e externas do IDEB e IDEPB buscando alcançar as metas definidas para a escola.

Este projeto foi desenvolvido com os alunos do 8º B ano da Escola Estadual Ensino Fundamental Nossa Senhora do Rosário, pelo professor titular da disciplina de Geografia e junto com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Campina Grande (PIBID/UFCG) que conta com a participação efetiva dos bolsistas deste Subprojeto de Geografia que atuam nesta escola.

A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR ÁFRICA NO ENSINO FUDAMENTAL

Levar ao aluno reconhecer as origens africanas no nosso modo de falar, de escrever, de dançar, nas músicas entre outros aspectos é um dos motivos para este

projeto. Outra questão que merece destaque são as “distorções, ausências, fabricações e estereótipos que constroem uma narrativa sobre a África” (SANTOS, R., 2009, p.123) nos fazendo pensar que a história e a geografia deste continente não existissem, tanto na periodização quanto de organização espacial.

Nas séries iniciais aprendemos que os negros/africanos, deixaram marcas, principalmente, na nossa culinária e danças. Hoje percebemos que essa herança vai muito além, no modo de curar doenças, de construir, nas manifestações culturais, na religiosidade, na música, enfim, essa herança se faz presente em nosso cotidiano. Precisamos valorizar e compreender.

Para Rocha (2009) devemos desconstruir a ideia de entender o estudo da África como volta ao passado, mas compreender como uma necessidade para construção de uma identidade própria, com uma perspectiva de futuro próspero para nós descendentes africanos. Estudar a cultura afro-brasileira é a questão central deste projeto, visto que o modo africano de “ser/viver/conhecer/saber” (LODY,2006) está presente em toda cultura nacional, só que muitas vezes camuflado.

No que desrespeito à legislação que aborda sobre o tema, com a aprovação da Lei 10.639/03 MEC (Diretrizes Curriculares Nacionais Para a Educação das Relações Étnico-Raciais) que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Essa lei altera a Lei de Diretrizes de Bases (LDB) e tem como objetivo promover uma educação que reconhece e valoriza a diversidade, comprometida com as origens do povo brasileiro. Art. 1º A Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

No que se desrespeito a Geografia, O PCN indica a construção e reconstrução de um o saber em que englobando conhecimentos geográficos, competências técnicas para se fazer uma leitura geográfica do mundo, as habilidades e as atitudes de modo que o educando aprenda a ser um cidadão.

Porém a discriminação racial e a ideia de nação mestiça, ainda são motivos para resistências à abordagem da temática das relações étnico-raciais, que surgem não só nas salas de aula, mas também na comunidade escolar e até mesmo além dos muros da escola.

O conhecimento da história dos povos africanos é de extrema importância, pois, os mesmos fazem parte da formação da sociedade brasileira, enfocando suas etnias e suas culturas, para assegurar a compreensão de que cada cultura, cada civilização tem suas obras, conquistas, invenções, seus valores e crenças que são transmitidos, assimilados, recriados e reformulados em cada geração que se forma.

A formação docente ainda é muito baseada no conhecimento disciplinar, fato que é reproduzido no ensino básico. Esta reflexão se aproxima daquela feita por Gonçalves (1999) quando diz:

“Pode-se afirmar que, de maneira geral, é grande a preocupação dos educadores com a atomização do conhecimento existente nos currículos escolares, que produz uma visão fragmentada do real, desvinculada de um contexto histórico e distanciada da realidade na qual o aluno vive.”

Com isso as aulas se tornam quase sempre a evidenciando o caráter mnemônico do conhecimento com aulas baseadas na memorização e na “decoreba”. [...] Consideramos de fundamental importância que todo trabalho seja marcado pelo traço da originalidade, seja impregnado pelo novo, seja configurado pelo inédito (FAZENDA, 1991).

Desta forma, percebemos a necessidade de trabalhar a luta dos escravos que chegaram ao nosso país, vivenciar e mostrar para os alunos a verdadeira realidade ao quais os negros/africanos passaram para chegar até aqui. Buscamos quebrar paradigmas quando ao que se pensa do continente Africano, mostrando que lá não existem só pobreza e negros, e assim formar o senso crítico dos alunos

O PROJETO ÁFRICA OS ENCANTOS DO CONTINENTE: DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NA ESCOLA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

Para a definição do tema, iniciou-se uma pesquisa de gabinete realizada pelo professor da disciplina, o mesmo diagnosticou que a temática África é apresentada de forma estereotipada nos livros didáticos. Assim sendo, surgiu à ideia de abordar esse

assunto em sala de aula, a proposta do projeto foi exposta na reunião de planejamento bimestral da escola, a mesma foi acatada de forma integral pela direção e os demais professores.

Em seguida foram realizadas outras reuniões de planejamento junto com a equipe do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência da Universidade Federal de Campina Grande (PIBID/UFCG). Traçados os objetivos do projeto iniciou-se a fase de produção de material, foi confeccionado mapa sobre os continentes e feitas várias placas com imagens da África. Ainda foram feitos outros encontros da equipe para serem planejadas as etapas a serem desenvolvidas em sala de aula, como também a confecção dos materiais a serem utilizados.

Inicialmente foi realizada uma atividade sobre desconstrução da visão negativa que se tem da África, enquanto continente pobre e atrasado, esta contou com o uso de mapa-múndi e imagens referentes ao continente, o mapa e as imagens foram confeccionados pela equipe do Pibid Geografia da Escola Nossa Senhora do Rosário. Este mapa serviu para tentarmos despertar o conhecimento prévio do aluno sobre o continente africano, cada aluno era submetido a inserir a imagem no mapa de acordo com o local que para eles seria o correto. Os resultados foram uma diversidade de posições, imagens foram postas na Europa e na América, mas, muitos alunos ainda conseguiram destacar que algumas pertenciam mesmo ao continente africano. Depois de montado, partimos para um diálogo sobre as alocações das figuras, onde, quando se deu a resposta todos ficaram surpresos, pois todas as imagens são referentes ao continente africano.

Após este momento, abriu-se para um momento de desconstrução, onde era passada na TV cada imagem que foi utilizada na construção do mapa e fomos comentando e inserindo-as no mapa na parte representando a África. Uma atividade de suma importância, uma vez que despertou o conhecimento prévio do educando, e compartilhando com os mesmos, informações necessárias a serem discutidas nas próximas fases do projeto.

Na 2ª etapa iniciou com as aulas expositivas, que abordaram características gerais do continente africano, tais como: Reconhecer África como “berço” da humanidade, de grandes civilizações e do desenvolvimento de conhecimentos, valorizando a contribuição dos povos africanos. Apresentação geográfica do continente,

divisão política, divisão regional, distribuição populacional e a cultura. Essas aulas se deram por meio de slides e com apoio de vídeos e imagens. Os vídeos utilizados nessas aulas estão disponíveis no Youtube e se intitulam de “ África – as faces de um povo”, “África no passado e presente – Riquezas e Glorias”.

Após as aulas expositivas, sobre a África desconstruindo uma visão estereotipada, partimos para a atividade de amostragem de como os africanos era vindo para o Brasil, para que pudesse se estudar de maneira mais efetiva o quão importante foram para o processo cultural de nosso país. Portanto, estudamos o tráfico negreiro, tal prática mostrando as resistências que os mesmos tiveram para que fossem trazidos para o Brasil.

Na 3ª etapa foi apresentado através de uma peça teatral, os tratamentos que eram impostos aos escravos, assim como sua resistência, os protagonista da peça foram, o professor supervisor e os bolsistas do Pibid, realizada em sala de aula usando apenas os gestos corporais foi encenando a prisão de homem que estava trabalhando no campo e foi acorrentado e arrastado para um navio em seguida a cena mostra a negociação ou venda do homem trabalhador, a peça teve a duração de cinco minutos, depois abrimos para a discussão dos alunos sobre a peça debatendo prática, mostrando as resistências que os mesmos tiveram para que fossem trazidos para o Brasil, discutindo de maneira mais efetiva o quão importante foram para o processo cultural de nosso país.

Outra atividade realizada a reutilização do mapa-múndi feita pelos Pibidianos, com ele estudamos as rotas do tráfico negreiro, os alunos participaram ativamente do processo indicando as rotas no mapa, e por fim passamos vídeos para que pudéssemos perceber de forma mais visual como se dava esse processo do tráfico.

A participação efetiva dos alunos foi imprescindível, pois, colocaram em prática os assuntos outrora estudados, e assim contribuindo para o sucesso escolar, pois muitos escravos que chegaram aqui se eram escravos letrados que haviam sido reis, príncipes, sacerdotes, artesãos, artistas, além do vasto conhecimento que detinham da agricultura e dominavam técnicas da lavoura tropical e de mineiros que conheciam tecnologias de extração mineral. Em seguida os discentes tiveram a oportunidade de entender o processo escravização dos povos africanos no mundo e traçaram as rotas que foram feitas, também assistiram o vídeo com parte do Poema de Castro Alves “Navio Negreiro”.

Na 4ª etapa do projeto, foi realizada uma aula de campo ao município de Areia, localizado na microrregião do Brejo Paraibano, o objetivo do estudo de campo foi, compreender como se deu à chegada de escravos vindos da África para o nosso estado; perceber a importância dos negros em nossa cultura; mostrar aos educandos em quais atividades os escravos estavam inseridos, os mesmos compreenderam que os africanos trabalhavam no desenvolvimento da lavoura canavieira na Região do Brejo, no século XIX, a cidade também destacou-se pela campanha abolicionista no município teve a liderança de Manuel da Silva e Rodolfo Pires, e a cidade libertou o último escravo pouco antes da abolição da escravatura em todo o país.

O estudo in loco oportunizou os educandos entender os assuntos compartilhados em sala com o que observado na cidade de Areia, desde o entendimento dos processos de instalação dos negros como trabalhadores de engenhos, o que essa prática econômica trouxe para a cidade, as marcas expressas na cultura, também conseguimos perceber tal influência, que está presente no nosso DNA, na nossa pele, cabelo, mas também de na nossa cultura, através da influência da culinária trazida pelos povos africanos.

Os educandos tiveram a oportunidade de visitar alguns pontos importantes do município tais como: a casa grande, o engenho localizado dentro do campus da UFPB, a igreja Nossa Senhora do Rosário dos Negros, o Teatro Minerva, o Museu Pedro Américo, o centro de Artesanato, através das explicações de um guia, cada ponto foi apresentado de forma clara, enfatizando a importância do papel dos negros na nossa cultura, e desmistificando a visão que se tinha dos africanos, como a proposta do projeto, pois também, toda a explicação se resultaria num trabalho esquematizado contendo fotos e apresentado num diário de campo.

Na aula seguinte ao estudo de campo ocorreu um debate intitulado “Vai fazer o quê? ”, essa mesa-redonda foi baseada a partir de vídeos apresentados pela mídia. Os educandos tiveram a oportunidade de assistirem as situações ocorridas e posteriormente expressar suas opiniões e dividir com todos algo que eles haviam presenciado ou vivenciado no seu cotidiano. Durante o processo de desenvolvimento das ações, foi proposto que os educandos escrevessem um diário relatando o que os mesmos acharam de mais interessante no projeto.

Na aula posterior ao estudo de campo os estudantes assistiram a um documentário sobre o continente africano e suas influências no território brasileiro, intitulado de “Brasil DNA África” disponibilizado pela a Globo News. O objetivo foi evidenciar que muitos fatores geográficos do continente africana são mostrados superficialmente ou subestimados pela ausência de informações históricas e explicações geográficas, exemplo a organização da sociedade atual, nossa cultura e o preconceito em relação aos africanos.

Por meio desse documentário buscamos também quebrar preconceitos relacionados com a religião afro-brasileira, foram trabalhadas rodas de conversas, onde os discentes após pesquisas realizadas em sala, através de internete, com computadores do projeto Um computador por aluno - UCA, orientadas pelo professor supervisor e bolsistas Pibid, apresentaram o que compreenderam desta temática e assim discutir em sala junto com os demais.

Outra ação executada relaciona-se com ritmos e danças africanas, os estudantes realizaram pesquisas e descobriram que muitos dos ritmos encontrados no Brasil, tais como, Lundu e Batuque são de origem africana e proporcionaram à música brasileira riquezas rítmicas, originando danças como o Frevo e o Maracatu, danças dramáticas como a Congada e muitas outras que foram trazidas para o Brasil pelos povos africanos.

Diante dessas descobertas, um bolsista PIBID, que é capacitado para tocar alguns instrumentos e ritos, se disponibilizou a ensinar alguns ritmos para os alunos que tiveram interesse, neste momento as aulas de geografia transformaram-se em aulas de ritmos africanos. Depois de alguns ensaios os discentes fizeram algumas apresentações na hora do intervalo, assim, socializando o conhecimento adquirido.

A CULMINÂNCIA

O momento de maior destaque do projeto “África os Encantos do Continente” foi à realização da culminância envolvendo toda escola. Os alunos puderam apresentar o que foi produzido por eles durante todo o processo de andamento das atividades. Ocorreram apresentações musicais, peça de teatro, danças africanas, exposição de comidas com influência da culinária africana.

Os alunos envolvidos no projeto ensaiaram algumas danças africanas com intuito de mostrarem que todos os acontecimentos relacionados ao cotidiano dos africanos são comemorados tais como: nascimento, morte, plantio e colheita, portanto, a dança é parte fundamental das festas e uma forma de agradecer aos deuses

Na culminância das ações os diários foram expostos para toda comunidade escolar com a finalidade de apresentar aos demais discentes todos os procedimentos e metodologias adotados nas aulas de geografia, os diários vão ficar na biblioteca da escola para que todos possam compartilhar do conhecimento construído. As escritas desses registros contribuíram de forma eficaz no aperfeiçoamento da leitura e escrita. Desta forma, auxiliando a melhoria dos IDEPB e IDEB, os mesmos são de extrema relevância, pois, possibilita o processo de reflexão e ação a serem realizados por gestores e professores, tendo a finalidade de suprir as demandas de ensino e aprendizagem no ambiente escolar.

Os visitantes da amostra tinham a oportunidade conhecer mais sobre essas comidas e experimentá-las.

Procurando desmistificar a imagem que muitas vezes é mostrada na mídia que no continente africano só existe pobreza e miséria. Os estudantes encenaram uma peça mostrando outro cenário do continente africano. Os mesmos exaltaram as riquezas naturais e culturais do continente africano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a execução do projeto, foi possível verificar que os educandos superaram possíveis preconceitos raciais, entenderam a origem da sua cultura, reconhecendo a importância do povo africano na identidade brasileira. Os conhecimentos adquiridos favoreceram a apreensão de uma nova visão de Brasil, contribuindo para o fortalecimento da identidade nacional, pois, acreditamos que o ambiente escolar é o lugar por excelência, da criação e recriação da história, colaborando para formação de cidadãos conscientes e críticos, facilitando os desempenhos cooperativos e as redes sociais, que permitam uma melhor atuação no mundo. É importante salientar que o projeto não deve ser visto como um fim, mas como um meio, utilizando novas

metodologias, já que é sempre importante ser trabalhado a sensibilização e conscientização dos sujeitos participantes.

Em relação a nossa experiência, foi algo muito construtivo, pois nos auxiliou para quebrar o estereótipo que tínhamos também sobre continente Africano. E o projeto nos possibilitou a articulação de conhecimentos entre diferentes disciplinas, através da elaboração e execução conseguimos interdisciplinaridade entre as áreas do conhecimento promovendo motivação em todos envolvidos no processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1998.

BRASIL. Senado Federal. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96. Brasília: 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC/SEF, 1997.

CORREIA Marcos Antônio e KOSEL Salete (2009) – **Representação e Ensino: Ressignificação de Conteúdos Geográficos por meio da Música**. Luminária número 10/2009

ALVES, J. A. Lindgren (2005) Os Direitos Humanos na Pós-Modernidade. São Paulo Declaração Universal dos Direitos Humanos – ONU, 1948.

FAZENDA, Ivani Arantes (org.). Práticas interdisciplinares na escola. São Paulo: Cortez, 1991.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. Teoria da ação comunicativa de Habermas: Possibilidades de uma ação educativa de cunho interdisciplinar na escola. Educação & Sociedade, ano XX, nº 66, Abril/1999.

LODY, R. A herança africana está por toda parte. In: BRANDÃO, A. P. (cord.) **Saberes e fazeres: modos de ver**. Rio de Janeiro, Fundação Roberto Marinho, 2006.

PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar/ Philippe Perrenoud; trad. Patrícia. Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artmed, 2000.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. O conceito de estudo do meio transforma-se. Em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes. In. VESENTINI, José William (org.). **O ensino de Geografia no século XXI**. Campinas: Papirus, 2004.

ROCHA, L. C. P. Lei 10.639/03: Desafios e perspectivas para implementação dos conteúdos afro-brasileiros nas escolas. In: SOUZA, MARIA HELENA VIANA

(Org).**Relações raciais no cotidiano escolar: diálogos com a Lei 10.639/03.** Rio de Janeiro: Rovellet, 2009.

SANTOS, Renato E. dos. O ensino de geografia e os tencionamentos da Lei 10.639/03: Nótulas para um debate em construçãoIn:SOUZA, MARIA HELENA VIANA (Org). **Relações raciais no cotidiano escolar: diálogos com a Lei 10.639/03.** Rio de Janeiro: Rovellet, 2009.